Um Bom Gosto pelos Escritores e Pintores

******

Fracassando na poesia, na amizade e no amor, procurei consolo na arte e frequentei a National Gallery [1], a Marlborough House (onde ficava a coleção Vernon, o Museu Britânico, a Academia Real e outras exposições).

Prostrava-me diante de Ticiano[2], Rembrandt[3], Velasquez[4], Veronese[5], Da Vinci[6], Botticelli[7], Signorelli[8] - quanto mais velho melhor; honestamente, dei o melhor de mim para sentir a grandeza que eu sabia estar lá; entretanto, por falta de treinamento adequado, eu era incapaz de alcançar aquelas alturas e, da mesma forma que os estrangeiros, eu os admira pelas coisas incorretas, pelas mesmas belezas que faltava neles – essas belezas transcendentes e inefáveis de elementos, formas e expressões como um estrangeiro sempre procura em um velho mestre e, muitas vezes, se convence de que o encontra ali – e, cada vez mais ainda, *finge* que encontrou!

Sinceramente, fiquei muito mais emocionado (embora não ousei dizer isso) por algumas obras de nosso tempo – por exemplo, pelo "Vale of Rest"[9], pela "Autumn Leaves"[10],

---

[1] N.T.: National Gallery é um museu de arte em Trafalgar Square, em Westminster, no centro de Londres, Reino Unido. Fundada em 1824, abriga uma coleção de mais de 2.300 pinturas que datam de meados do século XIII a 1900.
[2] N.T.: Ticiano Vecellio ou Vecelli foi um dos principais representantes da escola veneziana no Renascimento antecipando diversas características do Barroco e até do Modernismo. Ele também é conhecido como Tizian Vecellio De Gregorio, Tiziano, Titian ou ainda como Titien.
[3] N.T.: Rembrandt Harmenszoon van Rijn foi um pintor e gravador holandês. É geralmente considerado um dos maiores nomes da história da arte europeia e o mais importante da história holandesa. É considerado, por alguns, como o maior pintor de todos os tempos.
[4] N.T.: Diego Rodríguez de Silva y Velázquez foi um pintor espanhol e principal artista da corte do rei Filipe IV de Espanha. Era um artista individualista do período barroco contemporâneo, importante como um retratista.
[5] N.T.: Paolo Caliari Veronese (1528-1588) foi um importante pintor maneirista da Renascença italiana.
[6] N.T.: Leonardo di Ser Piero da Vinci, ou simplesmente Leonardo da Vinci, foi um polímata nascido na atual Itália, uma das figuras mais importantes do Alto Renascimento, que se destacou como cientista, matemático, engenheiro, inventor, anatomista, pintor, escultor, arquiteto, botânico, poeta e músico.
[7] N.T.: Alessandro di Mariano di Vanni Filipepi ou Sandro Botticelli, foi um pintor italiano. Assim como um de seus irmãos, havia sido apelidado de "botticelli", que significa em italiano "pequeno tonel", o epíteto substitui o "es panucam" sobrenome de família, passando a identificar o futuro pintor.
[8] N.T.: Luca Signorelli. Pintor renacentista italiano, um dos grandes mestres da Escola da Úmbria, onde provavelmente foi aluno de Piero della Francesca. Notabilizou-se pelo esmerado uso da perspectiva.
[9] N.T.: O Vale do Resto é uma pintura de John Everett Millais. A pintura é de um cemitério, como a noite está chegando. Além do muro do cemitério, há uma capela baixa com um sino. No primeiro plano da cena, há duas freiras - as cabeças das duas freiras são niveladas e simétricas.
[10] N.T.: Autumn Leaves é uma pintura de John Everett Millais exibida na Royal Academy em 1856. Foi descrita pelo crítico John Ruskin como "a primeira instância de um crepúsculo perfeitamente pintado". A esposa de Millais, Effie, escreveu que ele pretendia criar uma imagem "cheia de beleza e sem assunto".

“The Huguenot”[11] do jovem Sr. Millais[12] - assim como encontrei poemas como Maud e In Memoriam[13], do Sr. Alfred Tennyson[14], infinitamente mais preciosos e estimados por mim do que Milton´s Paradise Lost[15] e Spenser’s Faerie Queene[16].

---

[11] N.T.: Um huguenote, no dia de São Bartolomeu, recusando-se a se proteger do perigo usando a insígnia católica romana. é o título completo, exibido, de uma pintura de John Everett Millais, e foi produzido no auge de seu período pré-rafaelita.

[12] N.T.: Sir John Everett Millais, 1º Baronete de Millais of Palace Gate and Saint Ouen, Jersey foi um pintor e ilustrador inglês e um dos fundadores da Irmandade Pré-Rafaelita. Uma criança prodígio, aos 11 anos tornou-se o estudante mais jovem a ingressar na Academia Real Inglesa.

[13] N.T.: In Memoriam A.H.H. é um longo poema pelo poeta inglês Alfred Tennyson, terminado em 1849. É um réquiem ao seu grande amigo Arthur Henry Hallam, que morreu repentinamente de hemorragia cerebral em Viena em 1833. Escrito ao longo de 17 anos, é considerado como um reflexo da sociedade vitoriana da época, discutindo muitos dos temas polémicos da altura, que começavam então a ser questionados. Trata-se da obra em que Tennyson atinge o auge da musicalidade dos seus versos, e em que a sua experiência poética se completa, sendo considerada uma das grandes obras poéticas da Grã-Bretanha do século XIX. Um dos trechos mais citados é esse:

Eu acredito nisso, o que quer que aconteça;
Eu sinto isso quando mais sinto tristeza;
É melhor se perder
Do que nunca ter amado.

[14] N.T.: Alfred Tennyson, 1º Barão de Tennyson, foi um poeta inglês. Estudou no Trinity College, em Cambridge. Viveu longos anos com sua esposa na ilha de Wight por seu amor à vida sossegada do campo.

[15] N.T.: Paraíso Perdido (em inglês: Paradise Lost) é um poema épico do século XVII, escrito por John Milton, originalmente publicado em 1667 em dez cantos. Uma segunda edição foi publicada em 1674 em doze cantos, com pequenas revisões do autor.

O poema narra as penas dos anjos caídos após a rebelião no paraíso, o ardil de Satanás para fazer Adão e Eva comerem o fruto proibido da Árvore do Conhecimento, e a subsequente Queda do homem. Após uma invocação à Musa, o poeta descreve brevemente a rebelião dos anjos liderados por Lúcifer, a qual, fracassada, lhes custou o paraíso. Despertando no inferno depois de nove dias de confusão, estes deliberam sobre o que fazer, e Lúcifer, daí por diante chamado Satanás (do hebraico שָׂטָן, Satan: adversário), faz saber de um novo mundo e uma nova criatura – o homem – que seriam criados por Deus. Os demônios decidem corromper esse novo ser e desviá-lo do Criador, seu inimigo. Entrementes, no paraíso, Deus segreda a seu Filho a iminente transgressão do homem e todo o sofrimento que se lhe seguirá, e o Filho se oferece a si mesmo em sacrifício pela redenção da humanidade. Para assegurar que o homem seja responsável por seus atos, Deus envia um anjo para notificar Adão e Eva do perigo; no entanto, a despeito da advertência, Eva é seduzida por Satanás, então no corpo de uma serpente, e come o fruto proibido, fazendo-o comer também a Adão. Os pais da humanidade são expulsos do Jardim do Éden e tomam conhecimento, como toda a sua descendência, do pecado e da morte; mas uma revelação do futuro consola o primeiro homem, que testemunha o nascimento e a morte do Cristo e a remissão dos nossos pecados.

[16] N.T.: A Rainha das Fadas é um poema épico alegórico do escritor inglês Edmund Spenser, publicado na década de 1590. Cada um dos livros publicados está baseado numa virtude religiosa e cavalheiresca: o Livro I na Santidade, o Livro II na Temperança, o Livro III na Castidade, o Livro IV na Amizade, o Livro V na Justiça, e o Livro VI na Cortesia. Fragmentos de um sétimo livro foram também publicados. Por sua vez, em cada livro há um personagem cavalheiresco que serve de alegoria a cada virtude. No Livro I, por exemplo, o Cavaleiro da Cruz Vermelha (Redcrosse, associado à figura de São Jorge) personifica a Santidade, enquanto que no livro III, a Castidade é personificada por uma figura feminina, Britomart. A Rainha das Fadas é uma obra alegórica sobre as virtudes, mas também uma alegoria política, em que a “Terra das Fadas” (Faerie Land) representa a Inglaterra e a “Rainha das Fadas” (Faerie Queene) é a rainha Isabel I de Inglaterra, que reinava à época. Também pode ser vista como uma alegoria religiosa, com claras conotações políticas, da disputa entre o Protestantismo inglês e o Catolicismo. A obra foi um sucesso imediato e tornou-se rapidamente a mais importante de Spenser.

De fato, eu era irremediavelmente moderno naqueles dias – rejuvenescido todos os dias; os nomes que eu mantinha com o mais caloroso e profundo respeito eram os de homens e mulheres vivos. Darwin[17], Browning[18] e George Eliot[19], é verdade, ainda não existiam para mim; mas Tennyson, Thackeray[20], Dickens[21], Millais, John Leech[22], George Sand[23], Balzac[24], os velhos Dumas[25], Victor Hugo[26] e Alfred de Musset[27]!

Eu nunca os vi pessoalmente; mas, como os conheço bem, como todo mundo, pelo seu aspecto externo e poderia resistir a um exame bastante rígido na maioria dos textos que já escreveram, desenharam ou pintaram.

Desde então, outras estrelas de magnitude surgiram, mas da velha galáxia pelo menos quatro ainda brilham desde o passado com seu brilho antigo não ofuscado pelos meus olhos – Thackeray; o querido John Leech, que ainda tem poder de me fazer rir, do jeito que eu gosto; e para os outros dois, é evidente que a Rainha, o mundo e eu temos a mesma opinião, quanto aos seus desertos, pois um deles é agora um ornamento de apoio para a nobreza Britânica, o outro é um baronete[28] e milionário; só eu teria feito duques

---

[17] N.T.: Charles Robert Darwin, foi um naturalista, geólogo e biólogo britânico, célebre por seus avanços sobre evolução nas ciências biológicas.
[18] N.T.: Elizabeth Barrett Browning foi uma poetisa inglesa da época vitoriana. Autora de Sonetos da Portuguesa, reunião de poemas românticos — sua própria história de amor com o marido, o também poeta Robert Browning. Um destes poemas é considerado o mais belo escrito por uma mulher em língua inglesa: How do I love thee?
[19] N.T.: George Eliot, pseudônimo de Mary Ann Evans, foi uma romancista autodidata britânica. Usava um nom de plume masculino para que seus trabalhos fossem levados a sério.
[20] N.T.: William Makepeace Thackeray (1811-1863) foi um romancista britânico de sucesso da Era Vitoriana, autor de obras renomadas como “Feira das Vaidades” (Vanity Fair), a “História de Henry Esmond” (The History of Henry Esmond) e “As Memórias de Barry Lyndon” (The Memoirs of Barry Lyndon, Esq., By Himself), esta última conhecida por sua adaptação para o cinema por Stanley Kubrick, que dirigiu o filme premiado Barry Lyndon.
[21] N.T.: Charles John Huffam Dickens foi o mais popular dos romancistas ingleses da era vitoriana. No início de sua atividade literária também adotou o apelido Boz. A fama dos seus romances e contos, tanto durante a sua vida como depois, até aos dias de hoje, só aumentou.
[22] N.T.: John Leech (1817-1864) foi um caricaturista e ilustrador inglês.
[23] N.T.: George Sand é o pseudônimo de Amandine Aurore Lucile Dupin, baronesa de Dudevant, aclamada romancista e memorialista francesa, considerada a maior escritora francesa.
[24] N.T.: Honoré de Balzac foi um prolífico escritor francês, notável por suas agudas observações psicológicas. É considerado o fundador do Realismo na literatura moderna.
[25] N.T.: Alexandre Dumas, conhecido como Alexandre Dumas, Pai, foi um romancista francês. Nasceu na região de Aisne, próximo a Paris. Era neto do marquês Alexandre Antoine Davy de la Pailleterie e de uma escrava negra, Marie-Césette Dumas
[26] N.T.: Victor-Marie Hugo foi um romancista, poeta, dramaturgo, ensaísta, artista, estadista e ativista pelos direitos humanos francês de grande atuação política em seu país. É autor de Les Misérables e de Notre-Dame de Paris, entre diversas outras obras clássicas de fama e renome mundial.
[27] N.T.: Alfred Louis Charles de Musset foi um poeta, novelista e dramaturgo francês do século XIX, um dos expoentes mais conhecidos do período literário conhecido como o Romantismo. Diz-se que ele foi “o mais clássico dos românticos e o mais romântico dos clássicos”.
[28] N.T.: é o mais baixo título de nobreza hereditário britânico. É inferior ao de Barão (Baron) e superior ao de Cavaleiro (Knight).

deles imediatamente, com precedência sobre o Arcebispo de Canterbury, se quisessem fazê-lo.

É com um coração cheio, mas humilde, que me atrevo a registrar meu longo endividamento e a prestar esse tributo pobre, ainda fresco desde os dias de minha inquestionável adoração aos heróis. Pelo menos, servirá para mostrar ao meu leitor (se eu já tiver um suficientemente interessado em cuidar) em quais latitudes e longitudes mentais eu habitava, que estava destinado a uma experiência tão singular – um tipo de referência, por assim dizer – para que ele pudesse me olhar de relance, de acordo com a estimativa em que ele detém esses nomes famosos e talvez imortais.

Admitirão, pelo menos, que meus gostos eram normais e compartilhados por uma grande maioria – os gostos de um eterno jovem naquele período específico do século XIX – muito dado ao atletismo, a banheiras frias, leitura leve e ao tabaco barato, dotado do descontentamento habitual; a última pessoa para quem ou de quem ou por quem esperar algo fora do comum.

* * * * *